Todos os direitos reservados

DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

SOLOMON NORTHUP

.

Tradução livre de Luiz Felipe de Andrade Santana

CAPÍTULO I

Tendo nascido um homem livre, e por mais de 30 anos desfrutado dos prazeres da liberdade em um Estado livre – e tendo sido, no final dessa época, sequestrado e vendido à escravidão, onde permaneci até felizmente ter sido resgatado em janeiro de 1853, após 12 anos de servidão – foi sugerido que um relato de minha vida e seus acontecimentos não seria desinteressante ao público.

Desde meu retorno à liberdade, não falhei ao perceber o aumento crescente pelos Estados do norte a respeito da escravidão. Trabalhos de ficção, confessando e retratando as características da escravidão nos seus aspectos mais prazerosos e também repugnantes, têm sido circulados em uma extensão sem precedentes, e, ao meu ver, criou um tópico frutífero para comentários e discussões.

Posso falar de Escravidão apenas o quanto veio sob minha própria observação – apenas o quanto conheci e experenciei pessoalmente. Meu objetivo é dar um depoimento cândido e honesto: repetir a história da minha vida, sem exageros, deixando que outros determinem se até mesmo as páginas de ficção apresentam um retrato da mais cruel, errada ou severa escravidão.

Ao mais distante que fui capaz de averiguar, meus ancestrais paternos foram escravos em Rhode Island. Eles pertenciam a uma família pelo nome de Northup, um dos quais mudou-se para o estado de Nova Iorque e estabeleceu-se em Hoosic, no Condado de Rensselaer. Ele levou consigo Mintus Northup, meu pai. Na morte desse senhor, que deve ter ocorrido há 50 anos, meu pai se tornou livre, tendo sido emancipado.

Henry B. Northup, de Sandy Hill, um notável consultor jurídico e o homem a quem, em Providence, Rhode Island, devo pela minha liberdade e meu retorno à sociedade, à minha esposa e meus filhos, é um parente da família a qual meus antepassados serviram e de onde obtiveram o nome que hoje carrego. A este fato pode ser atribuído o interesse insistente que ele teve ao meu favor.

Pouco tempo após meu pai ter sido libertado, ele se mudou para a cidade de Minerva, no Condado de Essex, em Nova Iorque, onde eu nasci em julho de 1808. Quanto tempo ele permaneceu nesse lugar, não sei dizer. Daí, ele se mudou para Granville, no Condado de Washington, próximo a um lugar conhecido como Slyborough onde, por muitos anos, ele trabalhou em uma fazenda de Clark Northup, também um parente de seu antigo senhor; depois, ele partiu para a fazenda Alden, na rua Moss, apenas uma curta distância ao norte da vila de Sandy Hill; e depois foi para a fazenda cuja posse agora é de Russel Pratt, situada na rodovia que liga Fort Edward a Argyle, onde ele continuou morando até falecer, em 22 de novembro de 1829. Ele deixou uma viúva e dois filhos – eu e meu irmão mais velho, Joseph. Meu irmão ainda vive no Condado de Oswego, próximo à cidade de mesmo nome e minha mãe morreu durante o período em que estive em cativeiro.

Apesar de ter nascido um escravo, e de ter trabalhando sob as desvantagens as quais minha lamentável raça é sujeitada, meu pai foi um homem de respeito por sua assiduidade e integridade, como muitos hoje que estão vivos se lembrarão bem dele e estão prontos para testemunhar. Passou sua vida inteira nas atividades pacíficas da agricultura, nunca buscando emprego naquelas posições mais servis, como parece ter sido especialmente atribuído às crianças da África. Além de nos proporcionar uma educação que superava à que geralmente era concedida a crianças em nossas condições, ele obteve, através de sua diligência e economia, uma qualificação de propriedade suficiente para titulá-lo o direito de votar. Ele costumava nos contar sobre sua vida, e apesar de todas as vezes nutrir as melhores sensações de bondade, e até de afeição à família em cuja casa ele foi escravizado, ele nunca compreendeu o sistema de escravidão e sentia tristeza pela a degradação de sua raça. Ele se esforçou para inspirar nossas mentes com moralidade, e nos ensinar que devemos colocar nossa confiança e esperança *Naquele* que olha pela mais humilde e bondosa de *Suas* criaturas. Quantas vezes desde aquela época seus conselhos me ocorreram, enquanto estava deitado em uma cabana de escravizado, nas distantes e doentias regiões de Lousiana, lidando com as injustas feridas que um senhor desumano infligiu, e esperando apenas pelo túmulo que o cobriu também me protegesse dos açoites do opressor. No cemitério de Sandy Hill, uma pedra humilde marca o local onde ele repousa, após ter merecidamente realizado os deveres dos caminhos apontados por Deus.

Até esse período, eu tinha me dedicado principalmente aos trabalhos na fazenda com meu pai. As horas de lazer que me eram permitidas eram geralmente gastas nos meus livros, ou tocando violino – uma diversão que era minha verdadeira paixão na juventude. Também era fonte de consolação proporcionando prazer aos seres simples com quem minha sorte foi lançada, e iludindo meus próprios pensamentos, por várias horas, da dolorosa contemplação o meu destino.

No Natal de 1829, me casei com Anne Hampton, uma garota de cor que então vivia nas redondezas de nossa casa. A cerimônia aconteceu em Fort Edward, por Timothy Eddy, um magistrado daquela cidade e ainda um proeminente cidadão. Ela residiu por um bom tempo em Sandy Hill, com o Sr. Baird, proprietário da Taverna Eagle, também na família do Reverendo Alexander Proudfit, de Salem. Esse senhor por muitos anos comandou a sociedade Presbiteriana em Salem, e foi amplamente notável por seu aprendizado e piedade. Anne ainda nutre enorme gratidão pela grande bondade e excelentes conselhos deste bom homem. Ela não é capaz de determinar a sua linha exata de descendência, mas o sangue de três raças flui em suas veias. É difícil dizer se o ruivo, o branco ou o negro predomina. A união de todos eles, entretanto, em sua origem, concedeu a ela uma expressão agradável, a qual é raramente vista. Apesar de alguma semelhança, ela não pode ser propriamente enquadrada num estilo pardo, classe à qual, esqueci de comentar, minha mãe pertencia.

Eu tinha acabado de completar a maioridade, tendo chegado à idade de 21 anos no mês de julho anterior. Desprovido de conselho e ajuda de meu pai, com

uma esposa dependente de mim para sustento, resolvi adentrar na vida industrial; e não obstante o obstáculo da cor e a consciência do meu estado humilde, indulgente nos prazerosos sonhos de uma boa época por vir, quando a posse de uma moradia modesta de poucos acres me recompensaria pelo trabalho e me traria os meios de felicidade e conforto.

Desde a época do meu casamento até este dia, o amor que carreguei pela minha esposa tem sido sincero e inabalável; e apenas aqueles que já sentiram a enorme ternura que um pai preza por seus descendentes, podem compreender minha feição pelos meus filhos queridos. Tanto que julgo necessário dizer, para que aqueles que leram essas páginas possam compreender a pungência de todo sofrimento a que fui condenado suportar.

Imediatamente após o nosso casamento, começamos a cuidar da casa, no velho prédio amarelo no extremo sul da vila de Fort Edward, e que até então foi transformada em uma moderna mansão, e ultimamente ocupada pelo Capitão Lathrop. É conhecido como a Casa Fort. Os tribunais se estabeleceram neste prédio por um tempo após a organização do condado. Também foi ocupada por Burgoyne em 1777, situada próxima ao velho Fort no banco esquerdo de Hudson.

Durante o inverno, eu e outros estávamos trabalhando para reparar o Canal Champlain, na seção em que Willian Van Nortwick era superintendente. David McEachron tinha o comando imediato sobre os homens na companhia que eu trabalhava. Quando o canal se abriu na primavera, eu consegui comprar um par de cavalos e outras coisas necessárias no negócio de navegação, economizando os salários.

Tendo contratado várias mãos eficientes para me ajudar, realizei um contrato pelo transporte de grandes jangadas de madeira do Lago Champlain à Troy. Dyer Beckwith e um Sr. Bartemy, de Whitehall, me acompanharam em diversas viagens. Durante a temporada, me familiarizei perfeitamente com a arte e os mistérios de canoagem – um conhecimento que futuramente me permitiu prestar um serviço lucrativo a um senhor rico, e também surpreender os carpinteiros modestos nos bancos de Bayou Bœuf.

Em uma das minhas viagens ao Lago Champlain, fui induzido a fazer uma visita ao Canadá. Reparando em Montreal, visitei a catedral e outros lugares turísticos naquela cidade, de onde continuei minha excursão a Kignston e outras cidades, obtendo conhecimento de localidades, o que também me serviu futuramente como aparecerá rumo ao final dessa narrativa.

Tendo satisfatoriamente finalizado meus contratos no canal a mim e ao meu empregador, e não desejando permanecer ocioso, agora que a navegação do canal foi novamente suspensa, entrei em um outro contrato com Medad Gunn, para cortar uma grande quantidade de madeira. Fiquei engajado nesse negócio durante o inverno de 1831-1832.

Com o retorno da primavera, Anne e eu nos responsabilizamos por cuidar de uma fazenda na vizinhança. Eu estava acostumado com os trabalhos agrícolas desde o início da juventude, e era um ofício que me agradava. Por conseguinte,

iniciei os acordos por parte da velha fazenda Alden, na qual meu pai formalmente residiu. Com uma vaca, um porco, dois ótimos bois que tinha recentemente adquirido de Lewis Brown, em Hartford, e outras propriedades e utensílios pessoais, nós prosseguimos com nosso novo lar em Kingsbury. Naquele ano, plantei vinte e cinco acres de milho, semeei grandes campos de aveia, e comecei uma lavoura na medida em que meus melhores meios permitiam. Anne era assídua nos assuntos da casa enquanto eu trabalhava incessantemente no campo.

Continuamos morando nesse lugar até 1834. Na temporada de inverno eu tinha inúmeros pedidos para tocar violino. Onde quer que os jovens se reuniam para dançar, eu estava quase sempre estava lá. Meu violino era famoso pelas aldeias vizinhas. Anne, durante sua longa residência em Eagle Tavern, também se tornou uma cozinheira um tanto famosa. Durante as semanas no tribunal e em ocasiões públicas, ela era empregada nos mais altos salários na cozinha na Sherrill's Coffee House.

Nós sempre voltávamos para casa após esses serviços com dinheiro nos bolsos, para que então, através do violino, cozinha e cultivo, logo nos encontraríamos em posse de abundância e, de fato, a caminho de uma vida feliz e próspera. Bem, de fato teria sido para nós se tivéssemos permanecido na fazendo em Kingsbury, mas o tempo chegou em que o próximo passo a ser tomado me levaria ao destino cruel que me aguardava.

Em março de 1834, nos mudamos para Saratoga Springs. Ficamos em uma casa pertencente a Daniel O'Brien, no lado norte da rua Washington. Naquela época, Isaac Taylor mantinha uma enorme pensão, conhecida como Washington Hall, no final norte da Broadway. Ele me contratou para dirigir um taxi, no qual trabalhei por dois anos. Após esse período, eu estava geralmente empregado durante a temporada de visitação, assim como Anne, no United States Hotel e outros bares naquele lugar. Nas temporadas de inverno, eu contava com meu violino, apesar de que durante a construção da ferrovia Troy e Saratoga trabalhei duro por vários dias.

Em Saratoga, me habituei a comprar os itens necessários para minha família em lojas do Sr. Cephas Parker e do Sr. William Perry, senhores pelos quais, por muitos atos de bondade, cultivei fortes sentimentos de consideração. Foi por esta razão que, vinte anos depois, me senti movido a direcionar a eles a carta, inserida aqui mais a diante, e a qual foi o meio, nas mãos do Sr. Northup, da minha feliz libertação.

Enquanto vivia no United States Hotel, eu frequentemente encontrava escravos que acompanhavam seus senhores do sul. Eles sempre andavam bem vestidos e bem providos, aparentemente levando uma vida fácil com poucos de seus habituais problemas para perturbá-los. Muitas vezes caiam em conversas comigo sobre escravidão. Quase uniformemente eu percebia que eles nutriam um desejo secreto por liberdade. Alguns expressavam a mais ardente ansiedade para escapar, e me consultavam sobre a melhor maneira de fazê-lo. O medo de punição, entretanto, que eles sabiam que certamente seriam recapturados, em todos os casos

se provava suficiente para detê-los do experimento. Tendo respirado o livre ar do norte durante toda minha vida, e consciente que eu possuía os mesmos sentimentos e afeições que se encontram no peito do homem branco; consciente, ademais, de uma inteligência igual à de alguns homens de, pelo menos, pele mais clara, eu era ignorante demais, talvez independente demais, para imaginar como alguém poderia ser feliz vivendo na condição abjeta de um escravo. Eu não conseguia compreender a justiça daquela lei ou religião que apoiam ou reconhecem os princípios da escravidão; e nunca, jamais, me orgulho de dizer que falhei em não aconselhar qualquer um que veio a mim para assistir sua oportunidade de buscar pela liberdade.

Continuei morando em Saratoga até a primavera de 1841. As expectativas lisonjeiras que, sete anos antes, nos tinham seduzido da silenciosa casa de fazenda, no lado oeste de Hudson, não tinham sido realizadas. Apesar de sempre em circunstâncias confortáveis, não tínhamos prosperado. A sociedade e associações naquele lugar de renome mundial não foram calculados para preservar os hábitos simples da indústria e economia às quais eu estava acostumado, mas, ao contrário, para substituir outros nos seus postos, tendendo à indolência e extravagância.

Nessa época éramos pais de três crianças: Elizabeth, Margaret e Alonzo. Elizabeth, a mais velha, tinha dez anos; Margareth era dois anos mais nova, e o pequeno Alonzo tinha acabado de fazer 5 anos de idade. Eles enchiam nossa casa com alegria. Suas vozes juvenis eram músicas para nossos ouvidos. A mãe deles e eu construímos muito um castelo arejado para os inocentes. Quando não estava trabalhando, eu passeava com eles, com suas melhores vestimentas, pelas ruas de Saratoga. A presença deles era meu prazer, e eu os apertava em meus braços no peito com amor e carinho como se suas peles nebulosas fossem brancas como a neve.

Até então, a história da minha vida apresenta nada muito incomum – nada além de esperanças, amores e trabalhos de um homem de cor escura fazendo seu progresso humilde no mundo. Mas agora cheguei a uma reviravolta em minha existência – alcancei o limiar do erro indescritível, de arrependimento e desespero. Agora eu tinha me aproximado da sombra da nuvem, na escuridão grossa de onde eu estava prestes a desaparecer, daí em diante, escondido de meus parentes, e privado da doce luz da liberdade, por muitos anos exaustivos.